



RESIDENCIA IMPERIAL EM S. CHRISTOVAM.

O PALACIO de S. Christóvam, habitual residência de S. M. o imperador do Brasil, antes de ser occupado pelo Sr. D. João VI e real familia, era uma casa particular e fazenda de recreio, a menos de legua da capital, sobre uma eminencia, em situação de tal modo amena e picturésca, que se chamava a quinta da Boa-Vista; nome sobejamente justificado pelo aspecto do bairro do Engenho-Velho e paiz adjacente, cuja descripção pôde ler-se no volume em que ficou suspensa a publicação do Panorama, o de 1844, a pag. 296. Saiu então uma vista do edificio, mas tão acanhada; e por isso mesmo pouco favorecida da impressão, que obrigou o distincto collaborador, que escreveu a serie de artigos excellentes e noticiosos sobre o Rio de Janeiro, a dizer n'aquelle logar: — «Dando uma pequena estampa, sentimos que não seja ella (copia de outra do Sr. Sturz) em verdade a mais propria para dar uma idéa menos desfavoravel e exacta d'esta habitação real.» Agora que obtivemos transcripto muito mais desenvolvido e elegante, não hesitamos em o publicar, á imitação do que se practicára na collecção precedente, tambem a respeito da capital brasilica, repetindo vistas, comitudo assaz melhoradas. Deixando porém a parte descriptiva, já conhecida, passaremos a historiar um successo bellico menos sabido.

Adverso foi o fado ás armas francezas todas as vezes que intentaram conquistar e conservar o Rio de Janeiro. Em 1556, mandados pelos esforçado cavalleiro de Villegaignon, foram repellidos pela valentia e pericia do governador Mendo de Sá, com victoria

continuas até o anno de 1557, não lhes valendo a alliança que travaram com os barbaros naturaes da terra. Canta estes triumphos o padre Durão, no canto 8.^o (1) do seu Caramurú.

Correndo o anno de 1710 havia-se preparado em Brest com grande segredo uma esquadra de cinco navios de guerra e uma balandra, com 1500 homens de desembarque de tropas escolhidas, e numero de voluntarios, debaixo da segurança que dera Mr. du Clerc, cabo da empreza, de que, com a partida da frota do Brasil, a gente do Rio de Janeiro ia para Minas, e seria facil ganhar a cidade. Levando bombas e os mais instrumentos d'expugnação: lembrou-se do bom successo que tivera outro cabo francez em Carthagenas das Indias. Chegou a esquadra as costas do Rio de Janeiro a 6 d'agosto de 1710, e ainda navegava quatorze leguas ao norte já tinha aviso d'ella o governador Francisco de Moraes, que vigilante repartiu militarmente os postos e augmentou a guarnição das fortalezas. A' barra se avistaram os seis navios com bandeira ingleza: os tiros da fortaleza de Sancta Cruz os obrigaram a manter-se ao largo, e logo no dia 18 se fizeram de vela para o sul. O governador mandou guarnecer as praias que se denominavam da Pescaria e da Pedra, avisando a Santos e a Ilha Grande para que estivessem prevenidos: juncto a esta ultima ancoraram os contrarios a 27, e ali permaneceram até 31 esaquearam algumas fazendas.

(1) Vide na edição elegante, dada pelo Sr. Varnhagen, dos dois poemas brasileiros reunidos, de pag. 593 em diante.

que mui poucos moradores defenderam em quanto tiveram munições, mortos assim mesmo seis francezes e feridos muitos. Mais algumas avarias fizeram pela costa, até que, a 10 de setembro, dois navios com uma sumaca da Bahia, que tinham apresado, havendo sondado as aguas da praia da Lagoa, intentaram o desembarque a duas leguas da cidade; havendo se reunido, porém, a gente destinada á defensão, foram rechagados só pelas ordenanças; dois destacamentos enviados a reforça-las acharam já os inimigos retirados em virtude da opposição dos defensores e da aspereza do sitio. No seguinte dia chegaram á barra de Guaratiba, que acharam desguarnecida, pela confiança que se punha na altura dos cerros e impetuosidade dos mares; com effeito n'esse districto levaram a cabo o desembarque. Precavido o governador, esciente de que não passava de mil e duzentos homens a força que se dirigia á cidade, com o fito de a colher de improviso, conhecedor do intractavel dos caminhos contentou-se em mandar pequenas partidas, com praticos do terreno, a embarçar-lhes o progresso, e a matar-lhes a gente que podessem nos passos estreitos; ordenando junctamente ao tenente general engenheiro, José Vieira, que com um corpo mais grosso de tropa, reunindo as guarnições que o inimigo deixava nas costas, lhe picasse a retaguarda, e lhe cortasse a retirada. Continuaram os francezes a marcha, vencendo as difficuldades do transito, até chegarem ao engenho dos padres da Companhia, uma legua da cidade. Com esta certeza o governador, deixando nos quartéis a gente absolutamente precisa, passou com o resto no dia 17 ao campo de Nossa Senhora do Rosario, onde formou em batalha, e defendendo a parte que os inimigos procuravam para commetter a cidade, plantou artilheria nos locais convenientes, entrincheirou os mais fracos, desfazendo tudo o que podia servir aos atacantes para cobrir-se. Em a noite de 18 acamparam os francezes na roça dos padres da Companhia; e antes que de bordo podessem receber reforço e as embarcações simultaneamente se atrevessem com as fortalezas, o governador assentou de tomar a offensiva investindo-os com um corpo de mil homens as ordens de seu irmão, o coronel Gregorio de Castro de Moraes; porém Mr. du Clerc achou mais prudente retirar-se, procurando tentar a aggressão por outro lado, e fazendo uma diversion aos defensores. Presumido este designio no campo portuguez, um forte destacamento de 300 homens, do regimento do coronel Crispim da Cunha, passou a occupar o caminho do puteiro de Nossa Senhora do Desterro, para entrar na cidade pelo sitio de Nossa Senhora da Ajuda; e como os inimigos talvez ousassem atacar a fortaleza da Praia-Vermelha, marchou a disputar-lhe o passo a força do commando do coronel João de Paiva Souto-Maior. O primeiro encontro foi renhido de parte a parte, continuando por largo tempo o fogo, augmentado em nosso favor pelos tiros de artilheria miuda do forte de S. Sebastião, sobranceiro ao lugar do combate, e do qual era governador José Correia de Castro, que o fôra da ilha de S. Thomé, e que n'esta occasião se houve com animo e capacidade.

Os invasores, observando quão defendidos estavam todos aquelles pontos, e experimentando já notavel estrago, conheceram o arrojô da sua empreza, e conceberam a estranha resolução de entrarem a cidade, no presupposto, ao que se julgou depois, de capitular dentro d'alguma igreja para salvarem as vidas. Conseguiram seu intento, apesar da resistencia que lhe oppoz o tenente general Vieira, que se achava com pouca gente do lado por onde elles romperam: formaram-se em um juncto ao convento do Carmo, e não

alcançando arrombar-lhe as portas, foram buscar a casa dos governadores, já com perda de muita gente pelas ruas e pela retaguarda. Defendeu-lhes a entrada, obstinadamente e com muitas mortes, uma companhia de estudantes que na cidade se organisara.

Assim que chegou a noticia do governador este acto desesperado, fez marchar o coronel Gregorio de Castro com o seu regimento, e por outro lado um troço ás ordens do sargento mór Martin Correia de Sá. Approximando-se estes corpos da rua direita, onde ainda os estudantes detinham os inimigos, atacaram estes tão vigorosamente que os forçaram a retirar-se, desamparando o corpo da guarda, em direitura a praia, onde, apesar de porhosa lucta, se apoderaram de um grande trapiche e de seis peças de artilheria que, para proteger a bahia, ali estavam collocadas. n'esta refrega, pelejando valorosamente, morreu de duas ballas o coronel Gregorio de Castro de Moraes, e foi ferido gravemente seu filho mais velho Francisco Xavier.

Lembrou ao governador lançar fogo ao trapiche, mas susteve o a consideração de que poderia atear-se nas casas vizinhas, e porque ali se havia recolhido quantidade de creanças e mulheres; ordenou então que jogasse a artilheria da ilha das Cobras e de outras baterias, tendo já tomado com algumas peças as bocas das ruas. O commandante da companhia de cavallaria, Antonio Dutra da Silva, morreu lastimosamente, á frente de uma carga, n'este conflicto.

Mr. Du Clerc, achando-se instantemente apertado, quiz capitular: o governador concedeu só as vidas, se no mesmo momento se rendessem. Assim o fizeram; mas não tiveram igual fortuna os francezes do ultimo troço, que havia marchado por differentes ruas, porque quasi todos foram mortos: acharam-se os cadaveres de trezentos, e depois appareceram muitos pelos mattos e rios. Ficaram seiscentos prisioneiros, mais de metade feridos; entre elles officiaes de distincção e alguns titulares. Dos nossos morreram cinquenta, e houve feridos oitenta. Passando de mil os francezes que desembarcaram não escapou mais que um negro fugitivo que lhes havia servido de guia, o qual levou a nova de sua má fortuna aos navios que estavam na Ilha Grande.

A vinte e um de setembro chegaram á barra dois navios e a balandra, que tinham canhoneado a povoação da ilha com pouco effeito, recebendo só algum damno os conventos do Carmo e Sancto Antonio. Governava e defendia a villa o capitão de infantaria João Gonçalves Vieira; e apesar de ser aberta e não ter mais guarnição que as ordenanças, despresou sempre as propostas para render-se, rechagando os inimigos quando intentaram saltar em terra. As embarcações que primeiro se approximaram da barra despediram inutilmente seis bombas, que bem se pôde dizer serviram de festejar a nossa victoria. Mr. Du Clerc lhes fez saber, com permissão do governador, o estado em que se achava. Logo o participaram para os outros navios, que ainda de um ilhéu vizinho procuravam offender a villa da Ilha Grande com tiros e bombas. Reunida a esquadra lançou em terra o fato e trem dos prisioneiros, restituiu os vinte e oito portuguezes que havia tomado na sumaca da Bahia, e assaz escarmentada deu á vela para a Martinica, possessão franceza no archipelago das Antilhas.

Esta noticia trouxe-a a Lisboa um patacho de aviso. No dia 14 de fevereiro 88. Magestades e Altezas assistiram ao *Te Deum* na capella real; e foi com salvas e luminarias festejado este feliz successo.

O HADJEB DE KORDOVA.

(972 a 992)

(Continuado de pag. 26.)

II

O Mostarabe.

As VICTÓRIAS de Mohamed promettiam-lhe um longo descanso. Os successos dos jardins de Azharat eram desconhecidos de todos. Sholeia ostentava extremos como sempre, e o hadjeh mais ambição do que nunca. Visinho do throno, e subdito unicamente no nome, o seu poder não conhecia limites. Curvavam-se na sua presença as duas raças que disputavam o dominio das Hespanhas; tremiam d'elle vencedores e vencidos. — Quem osaria pois erguer-se contra o irresistivel dominador de Kordova e do kalifado, senhor em Africa e na Peninsula — quem? . . .

Descia a tarde. As nuvens da tormenta accumulavam-se rapidas no horisonte afogueado e carregado de vapores. O sol tinha-se engolphado havia pouco n'uma lagoa sanguinea. Ao cair das primeiras sombras um vento impetuoso curvou até o chão os soveiros e azinheiras: estremeceu attonita a selva inteira, e generam tristemente os seus echos mais profundos.

N'uma clareira do bosque sobrescia um grupo silencioso d'homens: inclinavam uns o rosto para a terra em attitude de commiseração; estendiam outros os olhos ao largo n'um gesto instinctivo de provocação e rancor. Cubria-os uma especie de albornoz escuro, ondeando amplamente ao som do vento, e abrigava-lhes a cabeça o longo capuz dos sarracenos. Ao primeiro aspecto seria difficiloso conhecer se pertenciam aos antigos senhores do Andaluz, se aos novos conquistadores — tão equivooco era o seu traje: Se bem se attentasse, porém, dir-se-hia logo que os vultos reunidos na clareira só podiam ser d'aquelles habitantes do paiz invadido, que, tendo guardado o culto da sua religião, se haviam contudo sujeitado ao governo dos invasores.

Era uma raça mixta, digna de curiosidade e de interesse. Christãos e godos pela tradição, o contacto incessante com os musulmanos dera-lhes um pouco da physionomia particular dos ultimos. Tinham herdado dos avós as virtudes guerreiras, a tenacidade e a firmeza: tinham adquirido no tracto com os intrusos os seus impetuosos movimentos e os seus brios civilisados. Cultivavam no lar da familia o legado precioso dos antepassados: no commercio da civilização apossavam-se d'elles insensivelmente as idéas d'uma nação esplendidamente cavalleira. Trabalhados simultaneamente por estas duas acções encontradas, a alma d'estes homens fôra ganhando pouco a pouco uma energia e uma tempera que os devia necessariamente tornar distinctos dos outros com quem viviam. A civilização africana era para elles mais efficaz, porque era mais immediata: as memorias da patria deviam de ser tanto mais sagradas quanto se conservavam na familia com um deposito venerando. Os rebellados do Astura tinham começado uma era nova para si, surgindo armados do ferro e da prevenção contra o inimigo: estes não; conheciam do passado o necessario para guardarem intactas as tradições de seus pais. Tinham-se civilisado sem deixar de ser godos.

Tal era esta raça, conhecida nas Hespanhas pelo nome de Mostarabe. A sujeição havia-a polido sem a ter abastardado. As suas paixões eram pertinazes e profundas como as inspirações do sangue que haviam herdado, ardentes e devoradoras como os enlaces que haviam contrahido.

D'estes eram pois os homens reunidos na clareira da selva, abatidos uns, furiosos os outros.

Que motivo, porém, dobrava para o chão aquelles olhos e aquellas froutes? quem os reunira alli, a taes horas, em despeito das ameaças da natureza?

E o que nós saberemos se nos approximarmos do grupo, e o examinarmos cuidadosamente.

Os vultos que tentamos descrever formavam um circulo em roda de outro estendido no chão humido. Envolvea-o um manto igual ao dos circumstantes. O rosto, pallido e cavado, contrastava singularmente com o fulgor temeroso dos olhos, que pareciam dar-dejar chammas. Barbas e cabellos negros, hirsutos e desalinados, davam-lhe uma apparencia selvatica e tremenda. Por baixo do manto entre-aberto appareciam-lhe sobre o peito, nos vestidos, algumas largas nodos de sangue fresco e vermelho.

— «As guardas do hadjeb perseguem-nos, irmãos. — dizia elle em voz sumida mas firme — deixai-me aqui morrer, e buscai salvar-vos.»

— «Morreremos todos!» — exclamaram os circumstantes brandindo as armas.

— «A vingança de Mohamed não descansa — continuou o ferido, depois de breve pausa. — Não são porém estas perseguições que me aggravam o meu mal . . . são . . .»

Não pôde continuar. Uma lembrança, terrivel sem duvida, veio suffocar-lhe as palavras nos labios. Apertou convulso a espada que lhe descansava ao lado, vibraram-lhe dois raios nos olhos inflammados, e, alçando meio corpo n'um esforço sobrenatural, como que pareceu procurar em torno de si algum objecto horroroso.

Assustava o seu aspecto.

N'isto um dos que o rodeavam, destacando-se do circulo, veio ajoelhar a seu lado. Saía-lhe de dentro do escuro capuz uma barba branca de neve: era a imagem dos antigos patriarchas.

— «Hermengardo, meu filho — prorompeu elle — anima-te, vive, descansa: has de ser vingado. Dizem-t'o aqui teus irmãos: digo-t'o eu: has de ser vingado.»

Um fremito sonoro d'armas percorreu o circulo. Nenhuma resposta podia ser mais eloquentemente affirmativa.

O ferido era o vulto dos jardins de Azharat, que havia luctado e succumbido aos golpes do hadjeb. O ancião era seu pai; os circumstantes seus companheiros d'armas.

Hermengardo, mal ferido, tinha conseguido sair des jardins n'aquella noite fatal. Luctara dois mezes entre a morte e a vida. A final triumphara a natureza e a idade. Convalescente ainda, saíra erguendo por toda a parte, entre seus irmãos, o grito de guerra contra o hadjeb. Gelohira era sua noiva; e o infeliz-Hermengardo nunca mais podera ter alcançado noticias da virgem de Amaya. Minava-o surdamente um ciúme implacavel, assaltavam-n'o a cada passo estranhos terrores, e a ancia horrenda de vingança, que parecia devora-lo, provinha toda de seus zelos furiosos. Vagava em torno do alégar do kalifa como um lobo em torno do redil; e dos que o viam espreitar assim, com tamanha tenacidade e tão pouco fructo, aquelles muros, diziam uns «ai d'elle!» diziam outros «ai dos seus inimigos!»

O hadjeb porém, posto julgar-se desembaraçado d'um rival, não descansava. Soubera que entre os mostarabes, alguns mancebos, commandados por um ancião venerando e por um cabo terrivel, tramavam contra o seu poder, e para logo projectara dispersa-los.

Era d'esta perseguição que fugia Hermengardo e

os conjurados. Tinham-se-lhe aberto as feridas recentes e profundas; era por isso que elles esperavam alli a cada passo a hora da salvação ou do combate no meio d'aquella selva.

Ao lembrar-se de que ia talvez acabar miseravelmente, na incerteza e sem vingança, o infeliz mancebo sentiu atravessar-lhe o coração uma dor aguda e penetrante.

— «Meu pai — exclamou elle voltando-se para o ancião, e tomando-lhe custosamente a mão — se eu morrer aqui aos golpes dos nossos inimigos, jurai-me que buscareis salvar-vos. . .

— Eu, ficando tu! — respondeu attonito o ancião.

— «Jurai-m'o» — acrescentou Hermengardo.

— «Para que?» — redarguiu seu pai.

— «Para . . . — acudiu o mancebo — para saberdes o que é feito de Melohira . . . e para me vingardes segundo a minha offensa.»

— «A tua offensa, Hermengardo — exclamou uma voz, que parecia vir do mais tapado do arvoredado — só póde vingar-se d'um modo.»

O mostarabe tremeu todo da cabeça até os pés; voltou rapidamente o rosto e viu . . .

Viu surgir d'entre as arvores um vulto de mulher, trajando de branco. Espantava o seu olhar. As faces estavam pallidas como o vestido, os cabellos ondeavam-lhe soltos, os pés, chagados pelas urzes do caminho, escorriam sangue. Não andava; era uma sombra a voar por entre os mysterios da selva. Arfava-lhe o seio semi-nú em vagas tempestuosas: dos olhos corriam-lhe dois rios.

Atravessou, gemendo, o espaço da clareira, e tanto que chegou ao lado do mancebo, caindo de joelhos defronte do ancião, alçou o punhal que trazia na mão, e, appresentando-o ao mancebo, exclamou:

— «Hermengardo, vinga a tua offensa!»

Era a virgem de Amaya!

(Continúa.)

HABITANTES DAS LANDES DE BORDÉUS.

(Continuado de pag. 32.)

O HABITANTE das Landes é bondoso e obsequiador, não obstante a insensibilidade que deve necessariamente resultar da sua idiosyncrasia; ao mesmo tempo é docil, e respeitador das auctoridades, pouco inclinado ao roubo e á fraude; é porém constante que instantaneamente se arrebatá e commette assassinios em certos accesos de irritabilidade nervosa. Apesar d'isso, é religioso, e nada ha tão affectuoso como os lamentos e saudades que consagram á memoria dos mortos. — Se os filhos teem que deplorar a morte de sua mãe, durante todo o anno immediato ao fallecimento os utensilios de cozinha então tapados, e a louça na ordem inversa d'aquella em que a tinha a defuncta; e d'este modo a precisão da mais insignificante mobilia faz lembrar o respeito devido á fallecida, e o lucto se renova a cada momento no coração d'aquelles a quem amára. — Se morre qualquer habitante das Landes, toda a gente do lugar assiste ao enterro, e algumas mulheres com trajo luctuoso vão recitar orações sobre a sepultura. Frequentemente se encontram ranchos assim vestidos e de joelhos nas igrejas do Maransin; e o crepe funebre que occulta o semblante d'estas pessoas, as tochas accesas a par d'ellas, sobre tudo a attitudo melancholica e o profundo recolhimento d'espírito, exaltam a imaginação, e prestam a essas reuniões certo character magestoso e solemne.

O povo miudo das Landes quasi que não conhece

outro divertimento senão folgar na taberna; comtudo os que habitam as margens do Adour adoptam algumas vezes outro recreio, não obstante expressa prohibição. Fazem corridas de touros, principalmente no festejo dos oragos das freguezias. Mas estas chamadas corridas não teem semelhança com as tardes de touros na península. É uma brincadeira ridicula, uma farsa burlesca; porque a função faz-se na praça ou rocio da aldêa, onde nem sombra de touros apparece. A plebe espectadora accomoda-se pelas janellas e telhados, em cima de carros ou de quatro palanques mal armados; sáe a terreiro uma pobre vacca mansa, que apesar d'isso vem segura por uma corda lançada ao pescoco; capeam-na com lenços, e tanto atigam o animal que a final arremette com alguns, e para tudo em meia duzia de boléus não perigosos e n'algumas calças rasgadas, em meio dos apupos dos circumstantes; os rapazes fazem sortes a um novillo tonto; e assim termina a famosa *corrida de touros*.

Em todo este retrato do habitante das Landes, nada temos dicto dos que moram nas cidades; porque não teem vislumbre de analogia com o ente meio selvagem que descrevemos segundo as suas principaes variedades. O morador das cidades n'esta provincia lê jornaes, frequenta botequins e theatros, questiona em politica, tracta negocios, em summa é como qualquer outro dos oitenta e seis departamentos: entre seus antepassados contam-se generaes distinctos por valor e pericia, oradores d'imaginação viva e original, e alguns talentos consummados nas artes e nas sciencias; nomes que elle cita com justa vaidade, porém nomeando-os, nunca lhes esquecerá aconselhar ao viajante uma romaria á aldêa chamada Pouy, que fica a uma legua de Dax. Ahi ainda está de pé um carvalho mui velho, excavado pelo tempo e em partes quebrado, de colossaes dimensões, e cercado de uma estacada pintada de verde. Esta arvore veneranda é chamada n'aquelles sitios a *arvore que cura as maguas e dôres*; é um monumento consagrado á memoria de um humilde pastor de Pouy, que a vontade de Deus converteu em heroe de brandura e charidade, e que foi o homem mais reverenciado em França. O paisano do Maransin, quando passa por diante da *arvore que cura as dôres* ajoelha em silencio, e não ha um só curioso viajante que deixe de saudar com respeito o antigo carvalho de S. Vicente de Paulo.

INSTITUIÇÃO DA ORDEM DA ROSA.

QUANTAS riquezas proprias alardea o vasto e fertilissimo imperio do Brazil, quantos mimos derrama na sua nobre capital o commercio da Asia e da Europa, estavam de ha muito prevenidos para uma festa magnifica. O fundador do imperio esperava ancioso ver apontar á barra as embarcações que lhe traziam uma esposa na flôr dos annos, e rica de virtudes e de belleza, e a filha querida em quem abdicára um throno, e por quem depois veio expor a vida nos combates.

A esposa esperada era a netá dos reis da Baviera, a filha do principe Eugenio Beauharnais, a Sr.^a D. Amelia Augusta Eugenia Napoleão, duqueza de Leuchtenberg, recebida por procuração com S. M. Imperial o Sr. D. Pedro I, em Munich, aos 2 d'agosto de 1829. Ajustára este consorcio o marquez de Barbacena, o qual, conforme as instrucções do Imperador seu amo, o solemnisou de um modo mui grato a Deus com actos de beneficencia, comprando por quarenta mil cruzados um capital, de cujos rendimentos saem todos os annos os dotes de quatro meninas pobres; duas escolhidas pela casa de Leuchtenberg, e duas ti-

radas á sorte. N'esta occasião, por ordem de S. M. a Imperatriz, se distribuíram de uma só vez em esmo-las sessenta mil cruzados.

S. M. Imperial partiu a 4 d'agosto para Manheim, com o titulo de duqueza de Sancta Cruz, na companhia de seu irmão o principe Augusto. Em Porthsmouth se reuniu com a rainha a Sr.^a D. Maria II.

Aos 16 d'outubro de 1829 chegaram ao Rio de Janeiro as fragatas brasileiras *Imperatriz e Isabel*. O Imperador saiu immediatamente n'um barco de vapor ao encontro da filha e da esposa, e áquelles olhos radiantes, que liam no intimo dos corações, assomaram duas lagrimas — lagrimas de prazer ineffavel.

Rebocada por um barco de vapor entrou no porto a fragata *Imperatriz* ao som das salvas de cento e um tiros dos fortes e dos navios, adornados de bandeiras

multicôres; lançou ferro e respondeu ás salvas. Á noite começaram as festas com a illuminação da cidade e das embarcações. No dia seguinte ao meio dia desembarcou S. M. a Imperatriz no arsenal, e por baixo de soberbos arcos de triumpho, saudada pelos vivas do povo, que mal cobria o estrondo dos canhões, se dirigiu á capella do paço, onde recebeu a benção nupcial e assistiu a um *Te Deum*, cuja musica fôra composta pelo proprio Imperador.

Teve logar no dia immediato a entrada solemne na capital, e a apresentação de todas os grandes e fidalgos do imperio. S. M. a Imperatriz viu lançar ao mar uma corveta baptisada com o seu augusto nome, e o Imperador, afim de perpetuar a memoria d'uma alliança tão fausta, instituiu a Ordem da Rosa para premiar serviços militares e civis.



A insignia da ordem é uma estrella branca de seis pontas com orlas e maçanetas de ouro, engrinaldada de rosas, sobrepujando-a a corôa imperial do Brasil.

Tem no centro a cifra P. A. (Pedro e Amelia) em letras de ouro, cercada de um largo circulo, tambem de ouro, com a inscripção: AMOR E FIDELIDADE. No reverso a data da fundação em campo de ouro, sobre um circulo azul com a legenda: PEDRO E AMELIA.

O imperador do Brasil é o grão mestre d'esta ordem, o principe imperial é grão cruz e dignatario, e todos os principes de sangue são grão cruces.

Tem oito grão cruces effectivos e oito honorarios, dezeseis grandes dignatarios, trinta dignatarios, e numero illimitado de commendadores, officiaes e cavalleiros.

A' grã cruz anda inherente o tractamento de excellencia, assim como ao dignatario, e á commenda o de senhoria. É necessario ter a patente de coronel para ser official, e a de capitão para ser cavalleiro.

Os grão cruces trazem a insignia a tiracollô da direita para a esquerda: os dignatarios em aspa, e os commendadores, &c. sobre o peito esquerdo. Pela differença na largura da fita, que é cor de rosa orlada de branco, tambem se distinguem os graus. Os oito grão cruces effectivos, nos dias de grande gala, usam de um collar de ouro com rosas esmaltadas.

A chapa que representa a 2.^a figura prende-se no lado esquerdo da casaca. Os grão cruces e grandes

dignatarios trazem-n'a com a corôa; os dignatarios, commendadores e officiaes sem ella.

JOGOS E FESTAS ANTIGAS.

Fragmento de uma historia verdadeira.

I

Nos chronicoes velhos e pergaminhos, enterrados nas bibliothecas de Hespanha e nas nossas tambem, está a parte mais curiosa da historia da idade media na Peninsula. Quem quizer saber mais do que datas e nomes não tem remedio senão resignar-se a soletrar em latim barbaro a ingenua narraçào dos escriptores monasticos, que não eram nem tão rusticos nem tão aridos como decretou o orgulho da passada, e ainda da presente epocha.

Se a poesia pudesse incarnar n'um cadaver, tinha alimento de mais nos in-folios, honrados com o ambicioso titulo de *Historias Completas*. Mas a poesia é a vida, e por isso seria sacrilegio e delirio tentar abraça-la com a morte; e, aos olhos da sciencia e da philosophia, é morto do passado tudo o que se não anima pela alma, fé, e crença dos homens e das instituições, dos costumes e das idéas que reinaram, e á sua hora, ou modificadas ou decaídas, passaram de throno á urna cineraria das civilizações findas.

Colher o espirito do passado, para o infundir nos quadros das grandes epochas historicas, é o segredo dos mestres que fundaram a nova religião litteraria, chamada *romantica* impropriamente; porque não é outra cousa mais do que a nossa *renascença*, a verdadeira resurreição da arte christã, filha das tradições nacionaes, que embalaram nos braços a sociedade moderna.

Nós, por mais que digam, fomos, e havemos ainda continuar a ser muito tempo, *portuguezes-castelhanos* pela nossa origem commum. E não deve doer ao orgulho patrio. E o mesmo sangue, é a mesma alma em dois irmãos gêmeos, mal-havidos, e apartados cedo um do outro pelo ciúme da respectiva nacionalidade; mas no fim de tudo irmãos, e bons irmãos. Physicamente não é possível reunirem-se debaixo do mesmo tecto — ambos querem ser morgados — porém intellectualmente devem viver em uma só communhão, e orar em uma só igreja. A parte melhor — a mais feliz — da historia da familia leram-na pelos mesmos pergaminhos, nascidos da mesma mãe, adormecidos no mesmo berço, e criados com o leite de crenças e costumes semelhantes. Depois d'isto póde la deixar de haver alliança ainda que não haja fusão?

O quadro que se segue é a prova do que se diz n'este artigo. A epocha corresponde em Portugal ao reinado de Affonso Henriques. Os usos e costumes, o viver e crer, que o lapis do chronista retrata com tanta fidelidade era o mesmo em ambos os reinos. A physionomia social apparecia tão confundida, tão semelhante nos dois povos, como incertas, vagas, e mal distinctas as fronteiras que os separavam.

O sabio Berganza, nos documentos de que illustrou as suas famosas "*Antiguidades de Hespanha*", incluiu a chronica do imperador Affonso VII, conservada no archivo da cathedral de Toledo. Foi o livro d'onde se tirou este painel de costumes de tão preciosa raridade; a descripção do chronista é d'esses claros historicos, que alumiam até o fundo o modo de ser de um periodo inteiro quanto ás relações sociais. O leitor ajuizará por si.

II

Guerra e casamento ha sete seculos na Hespanha.

A vida de Affonso VII foi uma continuada lucta com os arabes bellicosos das fronteiras, ou com os principes christãos seus vizinhos — a guerra nacional e religiosa por um lado — a guerra civil pelo outro fizeram da sua cõrte um verdadeiro acampamento militar. O monarcha castelhano, assim como o nosso Affonso Henriques, é das figuras historicas que, alongando os olhos ao passado, nos parece vêr ainda de pé sobre o sepulchro com a acha d'armas no braço esquerdo.

Era um coração de leão; uma vontade indomavel — um esforço cego, tenaz, e incessante. De um encontro de mouros voar á refrega com Portugal; d'ahi tender a bandeira real, e despedir o galope dos esquadrões frementes sobre o Aragão e a Catalunha; — dormir no leito da terra dura: descansar d'uma batalha nos braços d'outra batalha; nunca despir as armas, nunca fechar os olhos — eis em resumo a existencia dos soberanos, que no começo disputaram a palmos o solo da Peninsula á conquista estrangeira, e á ambição natural.

Depois de uma vida d'estas — quando o coração esfria, e os braços se cruzam no peito para se não abrirem mais, o somno da morte deve ser bem profundo e tranquillo!

Vejamos um episodio do gigante duello, em que

se consumiu inteira a trabalhosa carreira de Affonso VII.

«Acabadas outras guerras, o rei mandou dizer um dia aos condes de Castella: — enfraei os cavallos; amanhã partimos a pedir contas ao rei Garcia na sua boa cidade de Pamplona.»

«Dias depois os almogavares voavam na testa dos esquadrões de Castella, talando os campos, tomando os gados, e accendendo a fogueira do arraial com as cepas das vinhas.»

«Por toda a Castella soava o pregão da guerra — em Leão e nas Asturias o grito dos montanhezes suffocava o clamor dos exercitos, que desfilavam nos valles, de lança erguida e bandeiras soltas. Todo o poder do reino abalava para Pamplona.»

«E o rei Garcia no seu alcaçar sentiu apertar-se-lhe o coração no peito, porque bem via que de Najara até as suas portas o inimigo não tinha mais do que dizer aos castellos: entregai-vos! — ás cidades: abri!»

«Ia em meio o mez de maio. De uma para outra hora D. Affonso podia chegar, e como haviam de resistir? Nas planicies de Pamplona ouvia se o choro do povo; e descobria ao longe o fogo das cearas albeias como descia rapida das alturas a cholera do castelhanao.»

«E o circulo estreitava-se, estreitava-se! . . . quasi que já suffocava o calor do incendio na bella cidade.»

«Então D. Garcia não teve animo de ver em ruinas os paços de seus pais e a terra do seu nascimento. Não chorava, mas no coração era uma dôr de cortar a alma. Fechou-se n'um aposento com os do seu conselho: — Vem ahi, disse elle, os de Castella tão numerosos como as areias do mar. A paz com Portugal foi para nos destruir com certeza. Se pelegamos, a terra perdeuse por cerco ou por batalha, Que hei de eu fazer?»

«Quem lh'o diria? fallavam todos, e ninguem acertava.»

«N'este meio tempo sobreveio o conde Affonso de Toloza. Vestia esclavina de romeiro, e no chapén trazia as conchas de Sanctiago. As barbas, que eram brancas de neve, davam-lhe pela cintura. O rei e os cavalleiros sentiram grande alegria, porque não tinha Castella melhor conselho que o seu, nem braço mais rijo na peleja.»

«E tiveram razão de se alegrar. O conde foi escutado — e dias depois estava concluida a paz entre o rei de Castella e o rei Garcia.»

«O rei de Castella tinha uma filha — a mais querida do seu amor. O conde Affonso fallou-lhe assim: — D. Garcia é moço e solteiro: dai-lhe, senhor, a infante para casar — e o inimigo far-se-ha leal amigo. Assim se decidiu; e agora vereis as festas que se apregoaram em toda a Hespanha.»

«O noivado fez-se em Leão no mez de julho. Veto o imperador, e vieram os condes, os principes, e os duques, com os cavalleiros da sua casa e os homens da sua mercê; a todos se tinham mandado proprios a avisa-los que estivessem alli n'aquelle dia, áquella hora, com armas luzidas e esquadrões vistosos. Das Asturias, e de Castella chegaram á competencia: qual mais rico nos trajos, qual mais soberbo na comitiva. Plumas ondeando, pendões quarteados de côres; o sol faiscando no polido dos arnezes, nos labores de ouro e prata; os falcões no punho das damas; as matilhas pela trella dos monteiros — trombetas, anafis, e doçainas — tudo isto se via e ouvia, e mal se póde contar, na corte de Leão.»

«Chegou o imperador com a imperatriz Berengera sua mulher, cercado de condes e cavalleiros; do outro lado entrou D. Garcia, o noivo, vestido de pre-

ciosas galas, cavallos com redeas d'ouro, testeiras de prata, e pedraria nas armas, entre fidalgos e senhores—que nenhum tinha inveja na riqueza ao mais galhardo de Castella.»

«A infante D. Sancha entrou em Leão pela porta de Toro, e com ella D. Urraca, a bella esposada de D. Garcia. Os cavalleiros e barões que a rodeavam, as damas e virgens que a acompanhavam, os clérigos e monges que a seguiam, eram tantos que não tinham conto. Levantou-se o thalamo nupcial nos paços reaes de S. Pelaio— em volta d'elle a infante D. Sancha mandou collocar os chóros de bailarins e mulheres, que teciam danças e cantavam hymnos ao som de órgãos, citharas, e psalterios. O imperador, entretanto, com D. Garcia ao lado tinha-se assentado em um throno levantado no terreiro que se alargava diante do portal dos paços. Em redor, em escanhos baixos, assistiam aos festejos, segundo suas dignidades, os bispos, abbades, duques, e condes.»

«A um signal principiaram os jogos á antiga moda de Hespanha. Abriram-se pelo *bafordio* ou torneio das cannas. Quadrilhas de cavalleiros terçavam na arena hastes delgadas, que na veloz corrida despediam uns contra os outros, colhendo no ar o golpe, ou evitando-o de um salto com pasmosa galhardia. Veio depois o tiro do tablado. O alvo estava posto no meio do circo, e ao uso patrio os justadores deviam acertar partindo a todo o galope. A destreza do cavalleiro e o meneio dos corseis distinguiam-se pelo maior numero de sortes felizes. Corrida esta scena, viram-se matilhas de cães agulados investir com os mais ferozes touros de Andaluzia — desafiar-lhe a ira, enraivecer-lhe o sangue, e quando escarvavam o chão, atroando o campo de mugidos, e revolvendo os olhos afogueados nas orbitas raiadas de sangue, saírem-lhe os cavalleiros ao encontro a esperar o impeto, e a prostralos de um golpe de venabulo. Os populares tambem tinham o seu quinhão na alegria geral. Um tropel de cegos foi introduzido na praça; e apoz elles o ridiculo contendor que lhes estava destinado. — Era este o mais alentado porco dos montados de Castella. Os cegos, animados pela esperanza de se banquetear com a victima, premio promettido á destreza do mais venturoso, corriam de um para outro lado; este, apanhando a paulada do visinho; aquelle afocinhando o chão, rola aos pés do terceiro; o quarto segue malhando sem descansar no rasto do pobre que tenta atracar pela cauda o inimigo, em quanto em rodeios e fugidas o porco ora se furta a um, ora escapa ao malho furioso de outro. Os espectadores riam, batiam as palmas, e tripudiavam de prazer no meio dos brutescos episodios do entremez.»

«No dia seguinte os esposos foram abençoados, e despedidos com ricos presentes.»

«Assim se festejava um noivado real no seculo XII. Quem não achará originalidade em divertimentos rudes e asperos como os homens e as instituições da epocha? Cegos atordoando-se ás pancadas! cavalleiros e villões misturados a applaudir o jogo das escondidas, de que é protagonista a escoria dos animaes — o porco! — O leito da noiva cercado de palhaços, bailarinos, e menestreis! dois reis em toda a pompa do seu estado presidindo á farga, e talvez descendo do throno a disputar um lanço ao tablado, ou a tirar uma sorte no *bafordio*! — que espectáculo novo e variado não offerecem, de que naturaes côres não retratam a vida d'aquelles seculos? — É um quadro para desafiar a veia de um Walter Scott, proporcionando-lhe as mais chistosas scenas. Quem visse o bello painel do torneio de Aubourg-la-Zuche, no Ivanhoe, dirá acaso que, tirada d'esta descripção do chronista, a scena ficaria menos picturesca nos costumes, ou mais

fraca nos caracteres e physionomias? Esta acção por si só colloca-nos na verdadeira idade media, e desengana a muitos da differença que vai de contrafazer as epochas a estudar-lhes a indole, e desenhar-lhes os usos e a existencia.

DA SORTE DOS MENINOS NAS MINAS DE INGLATERRA.

Na parte occidental da Inglaterra ha camadas immensas e profundas de carvão de pedra, tão ricas, que os geologos têm chegado a asseverar não bastarem para o consumir vinte seculos de exploração. Póde-se dizer que a Inglaterra tira das suas minas de carvão os elementos do poder industrial e mercantil. O consumo domestico absorve por anno dezeseite milhões de toneladas; as forjas produzem annualmente oitocentas mil toneladas de ferro, gastando quatro milhões de toneladas de carvão; as fundições de cobre empregam quinhentas mil toneladas de carvão em derreterem cento e oitenta e cinco mil toneladas de metal; as fabricas de algodão oitocentas mil; as de lã, seda e linho seiscentas mil; finalmente, se a estas parcelas se acrescentar o contingente das outras industrias, e das exportações, que em 1837 eram de um milhão e cem mil toneladas, a quantidade de carvão que produz a Inglaterra orça por vinte e seis milhões de toneladas, o que, avaliando-se a tonelada por 1,8600 réis, preço médio, representa a somma annual de quarenta e um mil e seiscentos contos de réis.

Mas cumpre confessar que a extracção do carvão de pedra, assim como é uma das maiores fontes da riqueza da Inglaterra, tem exercido funesta influencia não só na saude, porém na moral das pessoas cujos braços emprega.

A população das minas está dividida em quatro cathogorias. Na mais alta acham-se os *overmen*, e os *deputies-overmen*, encarregados da policia da exploração; vigiam os trabalhos, e a segurança da mina. Seguem-se-lhes logo os mineiros que extrahem o carvão de pedra (*hewers*) Os mais d'elles são homens feitos; descem para o trabalho ás duas horas da manhã, e recebem as ordens dos *deputies overmen*; largam-n'o ás duas horas da tarde. O jornal que se lhes paga nos grandes districtos d'estas minas anda por 16,8000 réis cada mez.

Vem apoz estes os *putters*, que são rapazes e ás vezes creanças. Baixam á mina ás quatro horas da manhã, e são os que, de duas em duas horas, levam em carrinhos para as grandes galerias o carvão extrahido pelos mineiros. Empurram por detraz os carros, carregados com perto de oito quintaes cada um, dobrando-se muito, afim de empregarem maior força, e não partirem a cabeça no tecto dos corredores, que é raro passarem de cinco palmos de altura. O *putter* não sae da mina senão duas horas depois do *hewer*; o seu jornal regula de quatro até seis mil e oitenta réis por mez.

O carvão acarretado pelo *putter* passa para o poço principal em wagons puxados por bestas, servindo-lhes de conductores uns rapazitos de doze até quinze annos, a que chamam *drivers*. D'ahi o tiram por machinas de vapor, ou por engenhos ou rodas em que trabalham cavallos e até mulheres. No fim do dia, que é de doze horas, tem o *driver* andado oito ou nove leguas nas galerias.

A ultima e mais interessante classe de operarios é a dos pequeninos, de cuja vigilancia depende a segurança da mina, pois teem a seu cargo o fechar as portas (*traps*) das galerias, de modo que se conserve a